

vozearia literária: adorar a roda

O que é fim é começo, o que é começo é fim. Esse palíndromo em vermelho, “adorar a roda”, corporifica uma preocupação constante nos temas e vozes do conteúdo dessa edição 18: a imagem da roda em oposição à imagem da pirâmide. Nos altos, médios e baixos da pirâmide, nas suas pontas, um símbolo constante dos desníveis do capitalismo, do colonialismo, do patriarcado. Nas curvas e horizontalidade da roda, um emblema das buscas de igualdade, colaboração, continuidade. A edição, que, em seu dossiê temático, celebra e eleva a produção de mulheres escritoras brasileiras ao mesmo patamar das produções literárias masculinas prevalecentes em nossa tradição, se fez a partir da resistência cada vez mais viva à cultura de hierarquias na vida familiar, social, profissional, política e artística. Foi banhada por questionamentos do “feminismo interseccional”, que entende a complexidade dos mecanismos de opressão na interação de gênero, raça e classe. Para promover a roda e desconstruir a pirâmide, a crítica literária, aqui focada, procura iluminar o “Outro” (a mulher, em termo de Simone de Beauvoir) pela sua própria voz, enfatizando especialmente a voz da mulher negra: “o Outro do Outro” (termo de Grada Kilomba). E que se estende, como lógica, à mulher pobre, à mulher indígena, à mulher lésbica. Nessa roda, as vozes da diferença se encontram, se confrontam, se potencializam.

Inspiradas pela circularidade, decidimos abrir e fechar a revista com uma **entrevista**, por sua natureza colaborativa, já que, nesse formato proposto, pesquisadoras e pesquisadores passam a palavra para pessoas entrevistadas, que passam a falar da(s) literata(s) escolhida(s). Na entrevista de abertura, nós, pesquisadoras/editoras, conversamos com Fernanda Miranda, pesquisadora e professora, que, por sua vez, falou sobre romancistas negras brasileiras, como Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves e outras. Diálogo que reforça, inclusive, o ritual de sociabilidade em roda como algo profundamente arraigado na herança africana. Já na entrevista que fecha a revista, os pesquisadores Nathaly Felipe Ferreira Alves e Wanderley Corino Nunes Filho conversam com o poeta Paulo Henriques Britto sobre a poética de Orides Fontela. De mãos dadas, em meio a essas duas entrevistas, vão se sucedendo as outras seções

de conteúdo: artigos do dossiê temático, criação literária (poesia e prosa), tradução, depoimentos, resenha e tema livre (artigos).

O “**dossiê temático**” é adensado por vinte e quatro artigos, sequenciados pela ordem cronológica das obras literárias mencionadas. Após o “corpoescrita” de Priscila Thamís de Andrade Lima, vislumbrando a “ciência de roda” em algumas teóricas feministas, único artigo concentrado no gênero ensaio, temos o arco temporal de análise. Ele parte de um estudo sobre *A Falência*, de Júlia Lopes de Almeida, obra de 1901, por Marina Ambrósio, e chega num artigo sobre a poesia de Maria Isabel Iorio, de 2019, escrito por Luisa Nunes Galvão Caron de Oliveira e Helena Capriglione Zelic. Nesse atravessamento de séculos, os trabalhos passam tanto pelos gêneros prosa (romances, diários e contos) como por um número considerável de investigações da poesia, presentes em nove pesquisas. O estudo sobre diários e memórias é significativo ao valorizar gêneros tradicionalmente tratados como menores.

Do ponto de vista da representatividade, encanta o fato de termos um número aproximado de escritoras negras e brancas abordadas. Clarice Lispector está presente em quatro dos artigos. Hilda Hilst compõem a temática de mais dois deles. Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são presenças igualmente marcantes em seis artigos do dossiê. Além dessas escritoras mais conhecidas, temos outros trabalhos que se debruçam sobre autoras, ainda, menos visíveis, como Gilka Machado, Ruth Guimarães, Sônia Coutinho, Maura Lopes Cançado, Dora Ferreira da Silva, Clarice Fortunato, Stela do Patrocínio, Mariana Paiva, Cintia Moscovich, Miriam Alves, Marília Garcia, Angélica Freitas, Naidna de Souza, Adelaide Ivánova, além da Júlia Lopes e Maria Isabel Iorio, já mencionadas. Duas dessas escritoras, Iorio e Moscovich, trazem para a literatura a vivência lésbica.

Nos entristeceu a ausência de submissões que tratassem de autoria indígena, um vazio preocupante que nos remete a um problema estrutural. Dentro dessa lógica, falhamos também ao não buscar algum estudo sobre essas tessituras, causando um incômodo ao nosso desejo de acolhimento.

Nas referências bibliográficas, felicitamos a presença de teóricas mulheres como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Heloisa Buarque de Holanda, bell hooks, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Fernanda Miranda, Audre Lorde, Glória Anzaldúa, Grada Kilomba, Gayatri Spivak, Patrícia Hill Collins. As vinte pesquisadoras e os quatro pesquisadores da *Vozeria* provêm, majoritariamente, da região Sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), mas há também representantes de universidades do Nordeste (Bahia), do Sul (Londrina), do Norte (Pará) e do Centro Oeste (Goiás), incluindo uma pesquisadora além-mar, da Universidade do Minho, Portugal. Essa diversidade de vozes que falam e são faladas cumpriu, não plenamente, mas consideravelmente, o objetivo de nossa chamada, intitulada: *Vozeria Literária: autoria feminina brasileira em coro*.

A seção “**criação literária**” e “**tradução**” apresentam trabalhos inéditos, uma antologia de poemas e três textos em prosa: o conto “Luto 19”, de Ana Pacheco, o capítulo de romance, “Das regras”, de Dheyne de Souza e a tradução feita por Rochelle Guimarães de duas entradas do diário da escritora italiana Goliarda Sapienza. Para compor a antologia, priorizamos autoras mulheres e LGBTQIA+, agrupando dezessete poetas em um espaço onde os poemas habitam, aos olhos do leitor, separados e, ao mesmo tempo, juntos, como vozes impressas em diferentes linhas ou sequências de uma partitura.

A seção **depoimentos** homenageia as poetas Olga Savary e Maria Lúcia Alvim, ambas levadas pela Covid 19. A dor e a saudade em um país atravessado por um número exponencial de mortes evitáveis ressoam na despedida dessas grandes poetas, que nos legaram, para consolo, seus versos, suas obras. Quatro escritores compartilham aqui o seu tributo: Prisca Agustoni e Laisa Kaos falam de Olga Savary, enquanto Álvaro A. Antunes e Guilherme Gontijo Flores se acercam de Maria Lúcia. Os relatos são entremeados por retratos especialmente criados a lápis grafite sobre papel pela artista Isabela Sancho, dando vida aos belos rostos dessas duas mulheres.

A seção **resenha** apresenta quatro obras recentes: a peça teatral *Mantenha fora do alcance do bebê*, de Sílvia Gomez; o livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, que reúne duas décadas (1975 a 1994) de produção intelectual de Lélia Gonzalez; o dossiê da Revista *Silène - Poéticas das margens no espaço literário e cultural franco-brasileiro*, fruto da associação do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (USP) com o Centro de Pesquisas em Literatura e Poéticas Comparadas da Universidade de Paris Nanterre; e a coletânea *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras*, resultado do processo formativo da Festa Literária das Periferias – Flup 2020.

Na seção **tema livre**, incluímos três artigos que não abordam a autoria feminina. Embora não tenham contemplado a proposta do dossiê, trazem temáticas sensíveis aos debates contra-hegemônicos, são elas: um novo olhar sobre Diadorim, a deglutição do patriarcado em *Esses Lopes*, de Guimarães Rosa, e um estudo sobre a marginalidade a partir da poesia de Hélio Oiticica.

Essa roda de trabalhos, que se desenrola em setecentos e quatro páginas, é encadeada por imagens, muitas inéditas, cedidas pelas artistas: Ana Infante, Bruna Abigail Pereira de Castro, Isabela Sancho, Larissa de Souza e Luma Petriz. Abrindo o coro de imagens com a colagem de Luma, passeamos pela pintura afrodiáspórica de Larissa, pela arte conceitual de Ana, pelo design poético visual de Bruna e, por fim-início, terminamos com as imagens *Louças 1, 2 e 3*, de Isabela, numa sequência de três ilustrações interligadas, que encarnam o movimento narrativo visual próprio do cinema e terminam a revista, num convite a um novo começo, que, em giros, infinitamente se prolongue.

Em agradecimento, afirmamos: esse trabalho não poderia ser realizado sem o envolvimento generoso da comissão de sub-editores, que ajudou a encaminhar os artigos para pareceristas especialistas e auxiliou na diagramação e nas revisões finais. Nossa gratidão especial ao Eduardo Marinho, que, além disso, trabalhou incansavelmente para compartilhar sua experiência de editor já veterano da revista *Opiniões*.

Editoras da Opiniões n. 18

Ayana Moreira Dias, Cecília Silva Furquim Marinho,
Maira Luana de Moraes e Mariana Diniz Mendes.